

Banqueiro vê fim da apatia

São Paulo — O acordo de princípios acertado no final da madrugada de ontem entre o Brasil e o comitê de negociação dos bancos credores, após vinte meses de conversações intensas, não representa o acerto definitivo — sua assinatura está prevista apenas para o início do próximo ano. Mas terá condições de concretizar várias decisões empresariais que estavam paradas. Até a assinatura final do contrato o Brasil não precisa desembolsar nenhum tostão a mais para garantir os termos do acordo de princípios.

Segundo Peter John Anderson, presidente do Chase Manhattan Bank, um dos principais credores americanos do País, com créditos da ordem de US\$ 1,7 bilhão, há várias decisões que estão sendo desengavetadas pela simples sinalização de que as coisas entraram nos eixos no relacionamento internacional do Brasil com a comunidade financeira.

“Já há empresas, diante da expectativa de que o acordo estava sendo bem encaminhado, resgatando antigos projetos de investimento”, apontou Anderson. “É também, a consolidação do esforço do ministro Marcílio Marques Moreira na condução de sua política econômica”, acrescentou Joel Korn, presidente do Bankamerica. Anderson contou que o Chase já recebeu vários pedidos para viabilizar operações de importação de máquinas e equipamentos por empresas nacionais e estrangeiras. “Haverá, a partir desse acordo de princípios, maior disponibilidade de recursos por parte dos organismos oficiais para viabilizar essas intenções”, disse ele. “Há também a possibilidade de empresas multinacionais voltarem a investir no Brasil e outras entrarem no País, sentimos essa perspectiva concreta. “Além disso, vários projetos de lançamento de papéis de empresas brasileiras, paralisados há algum tempo, serão retomadas, o que significará mais ingresso de divisas no País.

Retomada

“Projetos estavam parados esperando o acordo”, lembrou Jordi Wiegnerink, vice-presidente do NMB Postbank. “Agora, teremos condições de retomar esses negócios”. Com o acerto do acordo de princípio, segundo esses bancos, o Brasil completa a penúltima roda-

da e seu reingresso no mundo dos negócios internacional. Mas isso já significa o início de uma nova era, pois considera-se o ato como o retorno da normalidade nas relações comerciais e financeiras do Brasil com o mundo.

“É um dia para se comemorar intensamente”, definiu Takanori Suzuki, presidente do Bank of Tokyo. “Agora, a batalha da estabilização econômica do País continua”. Depois do acordo de princípios, os bancos e o Brasil começam, em uma semana, nova rodada de negociações, mas agora com o objetivo de definir os detalhes para firmar os termos do contrato do acordo.

Enquanto isso, os bancos, por regiões, vão se reunir para esclarecer os detalhes do acordo. Os bancos alemães e japoneses, por exemplo, querem que parte dos bônus seja expressa nas moedas originais, no caso, marcos e ienes. Depois de concluído, o contrato entre o Brasil e os bancos credores será apresentado ao Senado Federal, que deverá votar pela sua aprovação. Apenas depois desse processo é que o comitê assessor dos bancos credores irá iniciar a coleta de adesões dos bancos, individualmente. É preciso uma adesão de 95% dos 600 bancos para que o acordo seja aprovado. Ao mesmo tempo, o governo brasileiro irá realizar reuniões em Tóquio, Londres e Nova Iorque, com representantes dos bancos japoneses, europeus e americanos, respectivamente, para ajudar no processo de convencimento para a adesão das instituições.

Burocracia

Segundo Anderson, esse ritual deverá ser completado em 45 dias, no máximo. O problema é que cada banco irá optar por um ou outro título novo, dependendo de sua situação fiscal. “Há alguns que não teriam condições de aderir ao bônus de desconto, por exemplo, pois assim reconheceriam um prejuízo imediato, o que pode ser desinteressante”, disse Anderson. Depois de completado esse circuito burocrático é que o Brasil finalmente assinará o acordo definitivo com os bancos, provavelmente no início do ano que vem. “E só aí o Brasil irá desembolsar dinheiro de fato e será feita a troca da dívida velha pela nova”, explicou Anderson.